

# Poemas da Guiana Francesa (Poemas escolhidos de *Catacumbas de Sol* de Elie Stephenson)

Dennys Silva-Reis<sup>1</sup>

Elie Stephenson, nascido em 20 de dezembro de 1944 na Guiana Francesa, é economista e professor na Universidade das Antilhas e da Guiana Francesa, onde preside o CAASSIC<sup>2</sup> (Centro de Análise Espacial Internacional da América do Sul de Dinâmicas de Desenvolvimento). Influenciado fortemente pela *Antillité* (Antilidade) – ideologia que leva em consideração a história e a cultura das Antilhas e que une ao mesmo tempo *Créolité* et *Négritude*, bem como os conceitos de mestiçagem, diversidade e ética política e racial (CORZANI, 1998) –, Stephenson escreve sobre a Guiana Francesa não como uma ilha, mas como parte da América do Sul.

Seus escritos potencializam seu horror ao neocolonialismo marcado na Guiana Francesa pelos sistemas franceses DOM e TOM (Departamento e Territórios d’além Mar). Elie Stephenson ao se engajar na literatura é reconhecido como poeta, romancista, contista, dramaturgo e cancionista. Os poemas aqui traduzidos são alguns da compilação de poemas intitulada *Catacumbes de soleil* de 1979. Por questões de espaço, escolhemos traduzir dez poemas que propiciam conhecer de forma direta a realidade do guianense francês e a visão engajada do autor.

O vocabulário que permeia todos os poemas é específico da cultura mestiça crioula-francesa da Guiana Francesa, alguns conseguimos traduzir depois de

---

1 Doutorando em Literatura na Universidade de Brasília (UnB). E-mail: reisdennys@gmail.com

2 Em francês: Centre d’Analyse Amérique Sud Spatiale Internationale des Dynamiques de Développement.

muita pesquisa – como, por exemplo, *eau-debout* que é uma adivinhação crioula para cana-de-açúcar –, outros, deixamos como no texto do autor e com uma pequena nota de rodapé para melhor compreensão do leitor.

Houve um pouco de dificuldade no poema homônimo da compilação *Catacumbas do Sol* porque o autor emprega “amour” no gênero feminino criando um problema para traduzir, pois o uso “amor ensanguentada”, por exemplo, poderia soar estranho, bem como soa estranho esse “amour” no feminino em língua francesa, já que seu gênero singular é masculino e pode ser feminino em um uso clássico do plural. Entretanto, optamos por deixar a palavra “amor” e seus adjetivos no gênero masculino já que este não é um recurso essencial na poesia do autor e a fim de não causar tanto estranhamento à primeira vista na leitura poética do apreciador brasileiro. Além disso, ao se referir ao “amor”, este, na cultura familiar brasileira, pode tanto ser referido no feminino quanto no masculino independente do gênero dicionarizado da palavra.

Os poemas foram dispostos conforme a publicação do autor que, além de vocabulário e retórica, possui também apresentação gráfica singular que tentamos manter tal qual nos é apresentada e, para tal finalidade, dispomos aqui os poemas um ao lado do outro.

Esperamos que a leitura dos poemas abaixo seja um mergulho na poesia vizinha da Guiana Francesa ainda tão desconhecida no Brasil.

## Poema I

### Limbé<sup>3</sup> de Cayenne

La rue marche sans détours  
toutes les rues sont ainsi chez moi  
longues allées de cimetière  
bordées de caveaux-maisons  
vues du ciel les rues se croisent  
toutes et chacune à angle droit  
membres de pierre poutres de fer  
d'une prison sans barrière

Les rues droites sans point final  
telles de rigides ascaris

dans les entrailles de la ville  
plus que jamais solitaire malade  
[et anémique

les enfants allaient naguère  
en jouant à « boule au trou »  
et leurs rires de dahlias  
nous protégeaient des charognards  
les rues chaussées de latérite  
damier de soleil couchant  
portent aujourd'hui des bas de nuit  
et sur leur ventre sans nombril  
déambulent des croque-morts  
et l'on croirait voir aux feux rouges  
toujours passer un enterrement.

### Agrura de Caiena

A rua anda sem desvios  
todas as ruas são assim onde moro  
longas alas de cemitério  
bordejadas de túmulos-casas  
vistas do céu as ruas se cruzam  
todas e cada uma em ângulo reto  
membros de pedra vigas de ferro  
de uma prisão sem grades

As ruas retas sem ponto final  
como rígidas lombrigas

nas entranhas da cidade  
mais do que nunca solitária doentia  
[e anêmica

as crianças iam outrora  
jogando “bola no buraco”  
e seus risos de dalias  
nos protegiam dos urubus  
as ruas calçadas de laterita  
tabuleiro de xadrez do sol poente  
vestem hoje meias de noite  
e sobre seu ventre sem umbigo  
passeiam os papa-defuntos  
e se pensaria ver nos sinais vermelhos  
sempre passar um enterro.

3 Limbé: grande tristeza, Presque inexprimable.

## Poema II

	MIDI		MEIO-DIA	
MIDI		MIDI	MEIO-DIA	MEIO-DIA
	MIDI		MEIO-DIA	
	Vous ne savez pas		Você não sabe	
	La jouissance		o gozo	
	de		desta	
	ce mot		palavra	
	les riches paniers		os ricos cestos	
	de		de	
	midi . . . . .		meio-dia . . . . .	
	midi		meio-dia	
	transes de madras		transe de madras	
	les pieds		os pés	
	nus		nus	
	sur		sobre	
	la perle des lances		a pérola das lanças	
	des barrières-nègres		das barreiras-negras	
	des			
MIDI		MIDI	MEIO-DIA	MEIO-DIA
	MIDI		MEIO-DIA	
	balafrés d'eaux-debout		acutilhados de canas-de-açúcar	
	coutelas		facão	
	à entre-ouvrir les cols		a entreabrir os colarinhos	
	de		da	
	la morte-violente		morte-violenta	
	des passe-partout		chave-mestra	
		usés		usada
		limés		limada
		éliminés		eliminada
	Ah!!!!!!		Ah!!!!!!	
MIDI		MIDI	MEIO-DIA	MEIO-DIA
	MIDI		MEIO-DIA	
	Puissance de ma		Potência de minha	
	TERRE		TERRA	



## Poema IV

### SAISONS

Il y a toujours eu  
trop de pluies... trop de pluies  
trop de pluies  
trop de larmes et de prières  
alors nous avons pris  
l'habitude d'aller  
toujours tête baissée  
    dos voûté  
    reins cassés

Oh ! non ce n'est pas  
que j'abhorre le soleil  
le soleil  
et les fleurs  
les fleurs  
et les insectes  
les hommes  
et les hyènes  
les hyènes  
et les papillons  
Oh ! non  
ce n'est pas  
que je veuille chanter  
    crier  
    revendiquer  
    exhorter  
    attaquer

Oh ! non  
ce n'est pas  
que j'exige le sang  
    LE SANG  
    LE SANG !

mais  
je n'aime pas  
qu'on me parle d'un trône  
je n'aime pas  
qu'on m'édicte  
me décrète

### ESTAÇÕES

Sempre houve  
chuvas demais... chuvas demais  
chuvas demais  
lágrimas e orações demais  
adquirimos então  
o hábito de andar  
sempre de cabeça baixa  
    costas curvadas  
    espinhela caída

Oh! Não não é  
que eu abomine o sol  
o sol  
e as flores  
as flores  
e os insetos  
os homens  
e as hienas  
as hienas  
e as borboletas  
Oh! não  
não é  
que eu queira cantar  
    gritar  
    reivindicar  
    exortar  
    atacar

Oh! Não  
não é  
que eu exija o sangue  
    O SANGUE  
    O SANGUE!

mas  
eu não gosto  
que me falem de um trono  
eu não gosto  
que me sancionem  
me decretem

m'enseigne  
m'assimile  
m'instruit  
me détruit  
non !  
non !  
Je n'aime pas  
qu'on me cajole  
m'infantilise  
me soudoie  
me menace  
qu'on m'importe  
m'exporte  
me gave et m'affame  
Je ne supporte pas  
qu'on DISPOSE de  
MOI  
de ma Terre  
de mon peuple !

*Décembre 1976*

me ensinem  
me assimilem  
me instruam  
me destruam  
não!  
não!  
Eu não gosto  
que me mimem  
me infantilizem  
me comprem  
me ameacem  
que me importem  
me exportem  
me engordem e me esfomeiem  
Eu não suporto  
Que DISPONHAM de  
MIM  
de minha Terra  
de meu povo

Dezembro 1976

**Poema V**

CAYENNE

Cayenne  
 un nom machinal étendu entre mes  
 [lèvres  
 harassées de secousses exfoliées  
 un rappel de cris encerclés par une  
 [mutilation  
 de membres annexes  
 où s'exhibe ma solitude décharnée  
 Cayenne  
 une violence de prunelles désorientées  
 un clapotis de pieds *tawa*  
 dans les rios tapis  
 de sang  
 quand nos révoltes s'éveillent en  
 de beaux rêves réparateurs  
 ma solitude est un cauchemar

crier au suicide ?  
 crier au crime ?  
 à mainmise ?  
 à l'assimilation ?  
 crier ?

Cayenne  
 un acharnement de coléoptères autour  
 des plantations ventre-creux et des  
 poissons maigres de nos gencives  
 une exaltation de poivre surchauffée  
 sur  
 des blessures attentives au bruit  
 au mouvement  
 aux couleurs à toute révolte à toute  
 [secousse  
 viendrez-vous, vous mirer autour de  
 [ces étangs

CAIENA

Caiena  
 um nome maquinal estendido entre meu  
 [lábios  
 cansados de abalos esfoliados  
 uma lembrança de gritos rodeados por uma  
 [mutilação  
 de membros anexos  
 onde se exhibe minha solidão descarnada  
 Caiena  
 uma fúria de pupilas desorientadas  
 um marulho de pés *tawa*<sup>4</sup>  
 nos rios emboscados  
 de sangue  
 quando nossas revoltas despertam em  
 belos sonhos reparadores  
 minha solidão é um pesadelo

denunciar o suicídio?  
 denunciar o crime?  
 a tirania?  
 a assimilação?  
 denunciar?

Caiena  
 uma obstinação de coleópteros em volta  
 de plantações de barriga-vazias e de  
 peixes magros de nossas gengivas  
 uma exaltação de pimenta pungente  
 sobre  
 feridas atentas ao barulho  
 ao movimento  
 às cores a toda revolta a todo abalo  
 virão os senhores, contemplar-se em torno  
 [desses tanques

4 “Amarelo” na língua oiampi, falada pelos índios na Guiana francesa (GRECARD, 1989).



viendrez-vous y boire  
et pétrir notre Foi ?

Je ne sais pourquoi le ciel a la gueule  
[écrabouillée  
je ne sais pourquoi les oiseaux sont  
[aphones et revanchards  
je ne sais pourquoi les déserts ont  
[pénétré les *pinotières*  
ni pourquoi les chiens palabrent et  
[pourquoi  
les pucerons ont pris la direction des  
[affaires

mais je vis à Cayenne  
et je vais en mourir.

16 mai 1975

virão os senhores aí beber  
e moldar nossa Fé?

Eu não sei por quê o céu tem a cara  
[espatifada  
não sei por quê os pássaros são  
[afônicos e vingativos  
não sei por quê os desertos  
[penetraram as *pinotières*<sup>5</sup>  
nem por quê os cães tagarelam e  
[por quê  
os pulgões assumiram a direção dos  
[negócios

mas eu vivo em Caiena  
e vou dela morrer.

16 de maio de 1975

5 Nome dado à savana típica da Guiana Francesa.

## Poema VI

### TERRE-VIE

Là-bas près de la crique  
où la vie s'est faite terre  
il y a un carbet  
tout se ressemble

L'aïeule ridée tassée labourée  
tronc frêle de manioc  
que plantent heureusement  
les enfants de ses enfants  
Là-bas près de la crique  
où la vie s'est faite terre  
l'homme compte les jours :

fruits

légumes

boucanes

quand les pluies sont trop longues  
la terre a trop froid  
il se couche sur elle la réchauffe et l'anime

Là-bas près de la crique  
où la vie s'est faite terre  
il y a mon cœur  
un carbet

mon enfance...

une jeune négresse

tout lui ressemble

l'arcade des arbres

les algues du feu

Là-bas près de la crique

où l'amour s'est faite terre.

### TERRA-VIDA

Lá perto da enseada  
onde a vida se fez terra  
tem um carbet  
tudo se parece

A avó enrugada amontoada escalavrada  
tronco frágil de mandioca  
que os filhos de seus filhos  
plantam com alegria  
Lá perto da enseada  
onde a vida se fez terra  
o homem conta os dias:

frutos

legumes

moquéns

quando as chuvas demoram demais  
a terra tem muito frio  
ele se deita sobre ela a aquece e a anima

Lá perto da enseada  
Onde a vida se fez terra  
tem meu coração  
um carbet<sup>6</sup>

minha infância...

uma jovem negra

tudo se parece com ela

a arcada das árvores

as algas do fogo

Lá perto da enseada

onde o amor se fez terra.

6 Segundo o dicionário em sua primeira acepção: Carbet é entre os indígenas, grande casa de reuniões.

## Poema VII

### CATACOMBES de SOLEIL

L'obsédante amour  
ensanglantée d'un pleur  
coutelas de solstices  
ah ! jeunesse égarée  
dans les quinconces  
dans les vérités de cadavres.

L'obsédante amour  
hostile à toute reddition  
et à toute compromission  
poteau-mitan de trois siècles  
patinés rebutés abusés  
et les foules d'invocation  
clapotis informes  
au carrefour de ses yeux  
défilent ainsi des étoiles sans orbite.

Sur les contreforts d'échardes  
Ah... cette obsédante amour  
dans la bouche ne se lasse  
et le cœur ne se libère  
mutinerie de la Légende  
rendue folle de décrets  
j'en suis et jusqu'à la mort  
de toute joie Hors-la-Loi  
il y a trop d'assassins qui se baladent  
dans les bibles  
il vaut mieux chevaucher  
un chien  
qu'embrasser un « politicien »  
pourquoi ne pas laisser aux singes  
les parlements et les tribunes  
ils occuperaient mieux la place !

### CATACUMBAS de SOL

O obsedante amor  
ensanguentado de um choro  
facão de solstícios  
Ah ! juventude extraviada  
nos quincunces  
nas verdades de cadáveres

O obsedante amor  
hostil a toda rendição  
e a todo comprometimento  
*poteau-mitan*<sup>7</sup> de três séculos  
patinados rejeitados abusados  
e as multidões da invocação  
marulhos informes  
no cruzamento de seus olhos  
desfilam assim estrelas sem órbita.

Sobre os contrafortes de espinhos  
Ah... este obsedante amor  
Na boca não se cansa  
E o coração não se libera  
motim da Legenda  
tornada louca de decretos  
por ele sou e até a morte  
com toda alegria Fora da lei  
há assassinos demais que passeiam  
nas bíblias  
é melhor cavalgar  
um cachorro  
que abraçar um “político”  
por que não deixar aos macacos  
os parlamentos e as tribunas  
eles ocupariam melhor o lugar!

7 Poteau-mitan é a versão francesa da expressão antilhana potomitan que designa o pilar central no templo de vodu. A expressão igualmente pode qualificar o arrimo de família, geralmente, a mãe. O termo pode se referir àquele/àquela que está no centro do lar, o indivíduo em torno do qual tudo se organiza e se apoia.

O cette obsédante amour  
catacombes de soleil  
l'oppression est légitime  
tu ris et ne m'embrasses pas  
tu passes et ne me frôles pas  
ô cette obsédante amour  
et j'en suis jusqu'à la Vie  
de toute joie excommuniée.

Oh este obsedante amor  
catacumbas de sol  
a opressão é legítima  
tu ris e não me abraças  
passas e não me afagas  
Oh este obsedante amor  
e por ele sou até a Vida  
com toda alegria excomungada.

## Poema VIII

### MEMOIRE

J'aime ce souvenir  
du plus haut des balcons  
tranches de ciel que lissait son regard  
robes de jeunes-filles... nuages sensuels  
visage illimité  
à court de paraboles ;  
j'aime ce souvenir  
de figures naïves  
du soleil et des brûlés  
qui ne t'ont jamais trahie  
ni dérobé ton bel amour.

Je ne sais où j'ai chanté  
où j'ai couru  
où j'ai pleuré  
la mer le vent et la pluie  
et le soleil et les saisons  
partagent l'année en deux  
une partie nourrit mon cœur  
l'autre affame ma mémoire...

Je ne vois que trahison  
je ne vois que négation  
je ne vois que dérision  
où l'amour n'est plus mirage  
fantaisie livre d'images  
négation exploration.

J'aime ce souvenir du plus haut  
des balcons  
en la plaine digitale  
où s'esclaffaient nos baisers  
(sans demain et sans hier)  
parler m'en sans arrêt  
même si tu te tais.

### MEMÓRIA

Amo esta lembrança  
da mais alta das sacadas  
fatias de céu que seu olhar alisava  
vestidos de meninas... nuvens sensuais  
face ilimitada  
na falta de parábolas;  
amo esta lembrança  
de figuras inocentes  
do sol e das queimaduras  
que nunca te traíram  
nem ocultaram teu belo amor.

Eu não sei onde cantei  
onde corri  
onde chorei  
o mar o vento e a chuva  
e o sol e as estações  
dividem o ano em dois  
uma parte alimenta meu coração  
a outra esfomeia minha memória...

Eu só vejo traição  
só vejo negação  
só vejo irrisão  
onde o amor não é mais miragem  
fantasia livre de imagens  
negação exploração.

Amo esta lembrança da mais alta  
das sacadas  
na planície digital  
onde gargalham nossos beijos  
(sem amanhã e sem ontem)  
fale-me disso sem parar  
mesmo se você se calar

1er août 1977.

1 de agosto de 1977.

**Poema IX**

## UN MOT

Un mot  
et la peur  
Un geste  
et la peur  
Un rire  
et la peur  
Un oubli  
un regard  
un baiser  
une danse  
une chanson  
L'infini des mouvements  
des enlacements  
des ballets  
du corps... du cœur  
et la Peur  
depuis l'enfance  
creusée en Nous  
et parce que nous avons Peur  
nous sommes toujours  
Prêts  
à détruire en nous-mêmes  
l'ombre du Merveilleux.

## UMA PALAVRA

Uma palavra  
e o medo  
Um gesto  
e o medo  
Um riso  
e o medo  
Um esquecimento  
e o olhar  
um beijo  
uma dança  
uma canção  
O infinito dos movimentos  
dos abraços  
dos balés  
do corpo... do coração  
e do Medo  
desde a infância  
escavado em Nós  
e porque nós temos Medo  
nós estamos sempre  
Preparados  
para destruir em nós mesmos  
a sombra do Maravilhoso.

## Poema X

*Pour Bébé et Bertène  
affectueusement.*

Je parle de REVOLUTIONS !  
Tous les dieux sont parmi Nous  
comme il fallait s'en souvenir  
imagerie de cimetière  
un beau fléau venu du ciel  
à l'assaut des bouches Nouvelles.  
Que le peuple élève son pas au-dessus  
[des catafalques  
de cascades calcinées.

Je parle de Révolutions  
exubérant aux portes des ventres rebelles  
je parle de Révolutions tangibles  
[et invisibles  
collectives et personnelles,  
toutes plantes ébouriffées  
la pluie brille à notre infini éclaté  
des marées virginales,  
les fleurs n'iront plus à l'autel au tombeau  
ni dans les vases, sur la poitrine des  
[citoyennes  
et la semelle des statues.

Nous conjuguerons nos yeux  
où les Hommes ne mourront pas  
— vaisseaux lancés sur les récifs  
pas de distants capitaines —  
nous serons, un maintenant maintenu  
[sans désunion  
ô Femmes qui serez hommes  
hommes qui serez enfants  
enfants qui serez racines feuillage et  
[paysage

TOUS

au-delà de la muraille la rocaille et  
[la mitraille  
nous camperons l'air en plein et rien  
[n'abaissera

Para Bebê Bertène  
Afetuosamente.

Eu falo de REVOLUÇÕES!  
Todos os deuses estão entre Nós  
como é preciso recordar  
imagens de cemitério  
uma bela praga vinda do céu  
ao assalto das bocas Novas.  
Que o povo erga seu passo acima dos  
[catafalcos  
de cachoeiras calcinadas.

Eu falo de Revoluções  
exuberante às portas dos ventres rebeldes  
Falo de Revoluções tangíveis e invisíveis  
coletivas e pessoais,  
todas as plantas desgrenhadas  
a chuva brilha em nosso infinito explodido  
de marés virginais,  
as flores não irão mais ao altar à tumba  
nem nos vasos, sobre o peito das  
[cidadãs  
e a sola das estátuas.

Nós conjugaremos nossos olhos  
onde os Homens não morrerão  
— navios lançados sobre os recifes  
pelos distantes capitães —  
nós seremos, um agora mantido  
[sem desunião  
ô Mulheres que serão homens  
homens que serão crianças  
crianças que serão raízes folhagem e  
[paisagem

TODOS

além da muralha da rocalha e  
[da metralha  
acamparemos ao ar livre e nada abaixará

nos bras et rien ne fléchira nos fronts,  
   [rien ne troublera  
 nos yeux et nos lèvres et nos cœurs...

Je parle de REVOLUTIONS qui se  
   [feront et qui vivront.

*Décembre 1977.*

nossos braços e nada dobrará nossas  
   [frontes, nada perturbará  
 nossos olhos e nossos lábios e nossos  
   [corações...

Eu falo de REVOLUÇÕES que se  
   [farão e que viverão.

Dezembro 1977.

## Referências bibliográficas

GRENAND, F. *Dictionnaire wayãpi-français*. Peeters Publishers: Leuven, 1989.

STEPHENSON, E. *Catacumbas de soleil*. Paris: Éditions Caribéennes, 1979.

CORZANI, Jack. “Antilles-Guyane”. In: \_\_\_\_\_. et alii. *Littérature francophones II – Les Amériques: Haïti, Antilles-Guyane, Québec*. Paris: Belin, 1998.